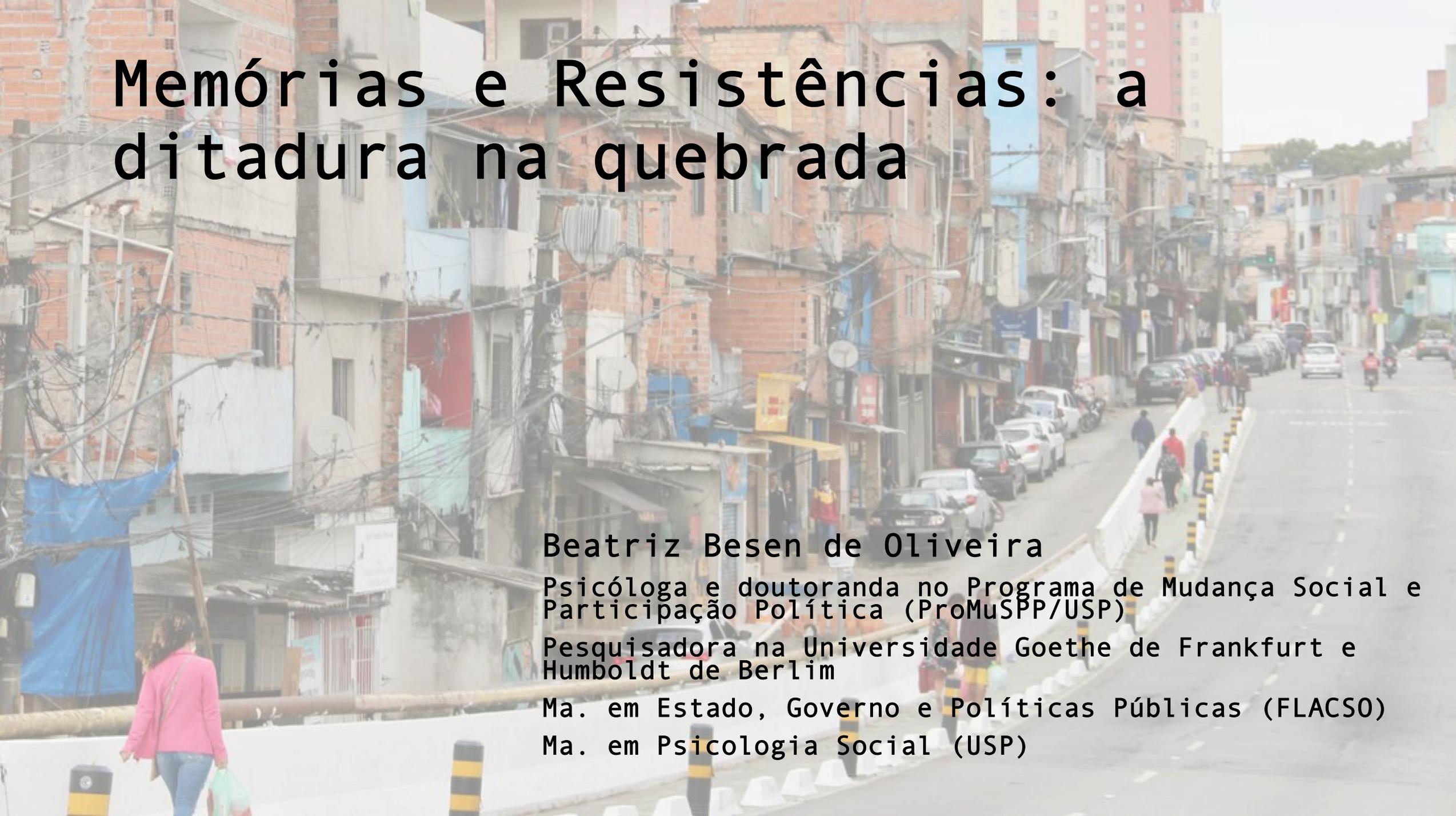


Memórias e Resistências: a ditadura na quebrada



Beatriz Besen de Oliveira

Psicóloga e doutoranda no Programa de Mudança Social e Participação Política (ProMuSPP/USP)

Pesquisadora na Universidade Goethe de Frankfurt e Humboldt de Berlim

Ma. em Estado, Governo e Políticas Públicas (FLACSO)

Ma. em Psicologia Social (USP)

Feridas abertas

Os fantasmas de todas as revoluções estranguladas ou traídas, ao longo da torturada história latino-americana, ressurgem nas novas experiências, assim como os tempos presentes tinham sido pressentidos e engendrados pelas contradições do passado. A história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será. (Galeano, 1976).

Heliópolis: Memórias e Resistências

- As famílias realocadas
- A luta pela moradia
- A união entre movimento social e escola
- O assassinato de Leonarda: Caminhada da Paz
- Os muros que caem: Bairro Educador
- CEU Heliópolis

Marcas ditatoriais

Os mapas e relatórios que abordam a juventude paulistana e a letalidade policial nas periferias revelam que a violência de Estado, sob a forma da violência policial, segue cotidianamente afetando os jovens e famílias das periferias.

(IPEA, Atlas da Violência, 2019,2020)

Tal violência, muitas vezes, mostra-se socialmente legitimada, naturalizada e negam-se os direitos: à vida, à indignação e à memória.

Marcas ditatoriais

Trata-se, portanto de uma verdadeira *amnésia institucional* que induz a fazer como se o evento não tivesse acontecido. [...] O preço a pagar é pesado. Todos os *malefícios do esquecimento* estão contidos nessa incrível pretensão de apagar os rastros das discórdias públicas. Nesse sentido, a anistia é o contrário do perdão, o qual, como veremos, requer a memória” (RICOEUR, 1995: 205-206 *apud* GAGNEBIN, 2010, p.181).

0 projeto

- Financiamento do Edital “Clínicas do Testemunho” da Comissão de Anistia
- Parceria entre o CEU Heliópolis, UNAS, Margens Clínicas e o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
- Jovens pesquisadores e bolsistas
- Estudos e pesquisas sobre a ditadura militar brasileira e entrevistas com moradores, lideranças comunitárias do bairro e anistiados políticos

A Pesquisa

- Pesquisa-ação-participante (Montero, 2007)
- Analisar se o processo de coleta, acesso e construção da *memória política* protagonizado pelos jovens promovia elaboração psicossocial, propiciando um re-estabelecimento de relações de *reconhecimento recíproco* (HONNETH, 2009), criando um espaço possível para a narração de experiências de violências relacionadas ou praticadas pelo Estado.

Repetição e trauma

- Conceito freudiano de trauma e repetição: a ordem do excesso e do irrepresentável que dá origem à repetição.

[...] a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional (Adorno, 1995a, p. 33).

Repetição e trauma

Não há reação mais nefasta diante de um trauma social do que a política do silêncio e do esquecimento, que empurra para fora dos limites da simbolização as piores passagens da história de uma sociedade. Se o trauma, por sua própria definição de real não simbolizado, produz efeitos sintomáticos de repetição, as tentativas de esquecer os eventos traumáticos coletivos resultam em sintoma social. Quando uma sociedade não consegue elaborar os efeitos de um trauma e opta por tentar apagar a memória do evento traumático, esse simulacro de recalque coletivo tende a produzir repetições sinistras. (Kehl, 2010, p. 126).

Marcas ditatoriais

Meu primeiro enquadro, eu ainda não tava acostumado. Eu aprendi depois. Chutou as duas, quase abri um espacate (ri). Sim, Sr. Não, Sr. Tinha sangue nos olhos, disse que ia me ensinar a posição certa.

No wifi é o inferno, tem tropa de choque, bala de borracha. Primeira vez que fui nem consegui dormir. Eles preferem chegar e dar tiro.

(informações verbais de reunião do grupo durante o segundo semestre de 2016)

Marcas ditatoriais

Lucas: Já o Nando, ele morreu, ele não volta, a única coisa dele que temos é foto e memória. Aí você me perguntou se eu fiquei sabendo depois de outros casos? Muitos, tem o Nando, o Francisco, tem o Roberto, tem um monte de gente. Do Heliópolis que moraram tudo na mesma rua que eu. Porque quando eu era pequeno. Eu ia falar quando eu era baixinho (risos), eu ficava mais na rua, sabe quando a rua era unida? Todo mundo cresceu com todo mundo, jogava bola com todo mundo, essa era a minha rua. Aí tipo, o filho da Anita. morreu, o filho da Giuvania que é o Nando, morreu. O filho da tia Rita morreu. Tipo era cada um assim. E uma coisa que eu percebi que, isso aconteceu umas três ou quatro vezes. O Roberto morreu, a mãe dele se mudou. O Binho morreu, a mãe dele se mudou. O Francisco morreu, a mãe dele se mudou. Hoje em dia eu penso assim, será que elas tão botando a culpa deles morar em Heliópolis pra eles terem morrido? Porque eu moro em Heliópolis, se eu morrer, eu vou continuar por aqui. Eu fico pensando, por que será que elas se mudaram?

(informações verbais da conversa de avaliação realizada em junho de 2018)

Conversa Pública



CONVERSA PÚBLICA

**DITADURA
NA QUEBRADA**

31/03, sexta-feira, às 19hs
NO SAGÃO DO FABLAB DO CÉU DE HELIÓPOLIS.

COM PARTICIPAÇÃO Rita Sipahi | Mércia R. dos Santos | Grupo de Jovens Memórias e Resistência de Heliópolis

ORGANIZAÇÃO

CEU
Heliópolis
Eng.º Carlos Ferraz
Heliópolis

CUMCA DO TESTEMUNHO
**NAS
MARGENS**

UNAS
Heliópolis
o Sagão

Conversa Pública

O sofrimento pela perseguição política atravessa gerações. (Camila Sipahi, filha de anistiada política)

[...]que não é falado de ditadura nas escolas e nem em lugar nenhum... é uma coisa proposital mesmo, porque quando um povo não tem memória é muito fácil se apropriar desse povo. É.. a gente tá vendo tudo que tá acontecendo no país hoje e tem muita gente que não vê isso como um golpe, como uma ditadura, não vê isso como um processo de exclusão da população do país, das minorias...

(liderança comunitária da UNAS- Heliópolis)



Pontes entre Passado e Presente

- Relatos das lideranças comunitárias sobre as ordens de despejo e a luta de Heliópolis
- Relatos dos jovens acerca dos enquadros, assassinatos e violações da privacidade.
- Relatos das anistiadas e seus familiares sobre as torturas e violência durante a ditadura militar brasileira

“A sua memória agora é a minha memória.”

(fala dos jovens direcionada à Rita Sipahi, anistiada política, durante a conversa pública)

Rita Sipahi é ex-militante da Ação Popular (AP) e do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT). Atualmente é advogada de presos políticos, Rita foi presa em 1971 e passou 11 meses no Presídio Tiradentes, onde conheceu seu marido, o também militante Alípio Freire. Lá esteve presa na “torre das donzelas”, junto com Dilma Rousseff.

O grupo como espaço de elaboração

Essa identificação com o grupo é fundamental para reconstituição da memória, pois os grupos aos quais as pessoas pertencem, se por tarefa ou por escolha, são extremamente significantes na sua experiência de vida, a ponto da história do grupo social ser tratada, não raras vezes, como a própria história do indivíduo. (Ansara, 2001, p. 38).

O grupo como espaço de elaboração

Maria: Na maioria das vezes com raiva, mas era legal a gente se encontrar, porque querendo ou não era um grupo de jovens que tava se interessando por algo que todo mundo tenta acobertar, todo mundo tenta jogar a sujeira embaixo do tapete e a gente não, a gente tava levantando aquele tapete pra tirar tudo que tava ali debaixo.

Luisa: Sabe o que é engraçado? A gente é muito diferente um do outro, somos muito diferentes. Mas a gente conseguiu ser um grupo unido, tinham as brigas entre a gente, tinha hora que um queria matar o outro, um gritava com o outro, a gente ficava cansado, mas depois, sempre que a gente precisava um do outro tava ali, juntos.

(informações verbais da conversa de avaliação feita em junho de 2018, grifos nossos)

Memória Política

Se por um lado vemos políticas de esquecimento fomentadas pelo Estado, e que sustentam ideias pacificadoras do passado e, portanto, com vieses extremamente colonialistas, há dentro dos movimentos sociais uma oportunidade única de construção de narrativas que se opõe a essa ideologia. São histórias de resistência que não se eximem, mas ao contrário, se alimentam da existência do conflito e da luta como caminhos para superação de desigualdades. E essa memória é negociada dentro dos movimentos, e composta em processos de encontro, de solidariedade, de complementariedade, e é aí que se encontra a *memória política*. (Besen, 2019, p. 51).

Memória Política

Com base nessas proposições, recorreremos à construção da memória política como possibilidade de elaboração do trauma psicossocial, por meio do compromisso em conhecer o passado de repressão e resistência, denunciar as formas de violência social e ampliar o diálogo, possibilitando a proposição de ações e estratégias de resistência em favor dos direitos humanos. (Besen & Ansara, 2020, p. 1).

Memória Política

Luisa: A gente tem uma parte, essas memórias se tornaram nossas também. A gente não pode ter vivido naquela época, mas o fato delas terem passado um pouco do conhecimento do que aconteceu naquela época com elas, a gente tá diferente hoje. Então, a gente pode...

Lucas: Faz a gente ser parte da história também!

O trabalho atual com a memória

- Museu Heliópolis:

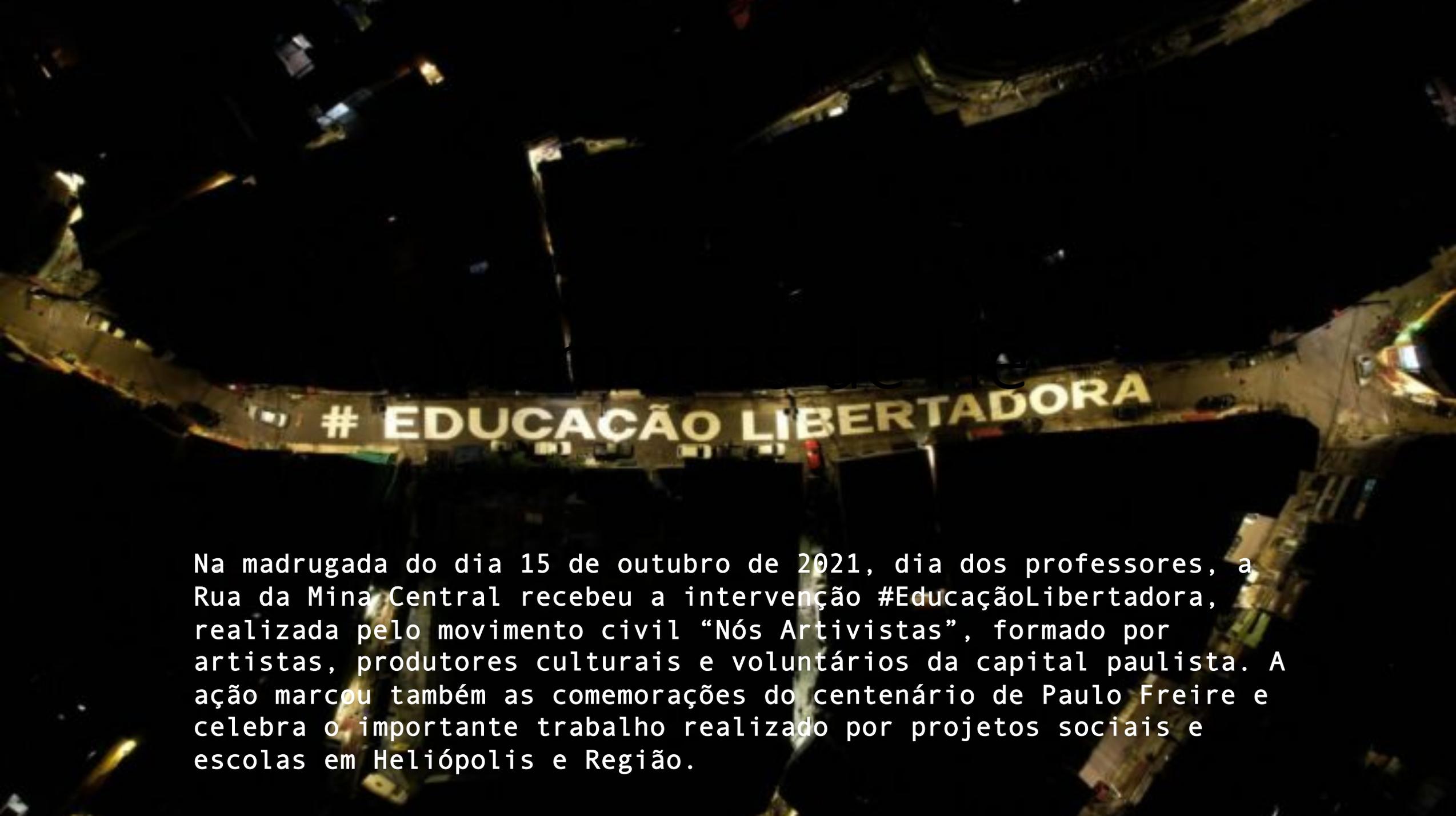
<https://museuheliopolis.unas.org.br/paisagem-e-territorio/>

- Observatório de Olho na Quebrada:

<https://www.unas.org.br/single-post/observatorio-produz-dados-que-ajudam-a-comunidade-nas-estrategias-de-atuacao-na-pandemia>

“O projeto De Olho Na Quebrada foi idealizado pela UNAS, como uma alternativa de redefinir as narrativas da quebrada que eram contadas em páginas de jornais, nos telejornais e dados oficiais de forma prejudicial, limitando Heliópolis apenas com um núcleo da violência e ignorando as mais de 200 mil histórias que aqui existem.

Com o apoio do [Instituto Construção](#), da [ActionAid Brasil](#) e financiamento da [Open Society Foundation](#), o **Observatório De Olho Na Quebrada** tornou-se real e formado por seis jovens de Heliópolis, focando no objetivo de mostrar as potencialidades e a história da comunidade a partir do que nos é contado pelos próprios moradores.”



EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Na madrugada do dia 15 de outubro de 2021, dia dos professores, a Rua da Mina Central recebeu a intervenção #EducaçãoLibertadora, realizada pelo movimento civil “Nós Artivistas”, formado por artistas, produtores culturais e voluntários da capital paulista. A ação marcou também as comemorações do centenário de Paulo Freire e celebra o importante trabalho realizado por projetos sociais e escolas em Heliópolis e Região.

Celebração das contradições/2

Desatar vozes, dessonhar os sonhos: escrevo querendo revelar o real maravilhoso, e descubro o real maravilhoso no exato centro do real horroroso da América.

Nestas terras, a cabeça do deus Elegguá leva a morte na nuca e a vida na cara. Cada promessa é uma ameaça; cada perda, um encontro. Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios, outra razão.

Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.

Nessa fé, fugitiva, eu creio. Para mim, é a única fé digna de confiança, porque é parecida com o bicho humano, fodido mas sagrado, e à louca aventura de viver no mundo.

Eduardo Galeano

Contato e Referências

Beatriz Besen de Oliveira- bia_besen@hotmail.com

Besen, B. & Ansara, S. (2021). Violência estrutural e marcas ditatoriais: análise psicossocial a partir de narrativas periféricas. *Revista Práticas e Pesquisas Psicossociais*, 16(2). http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3909

Oliveira, B. B. de. (2019). *A sua memória agora é minha memória: a construção da memória política e o re-estabelecimento do reconhecimento recíproco* (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo). Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/D.47.2019>